

Editorial

A Filosofia Brasileira entre a recepção, tradução e produção situada

Lúcio Álvaro Marques¹
Tarcísio Afonso Tchivole²

A circulação das formas de fazer filosofia no espaço global nunca se deu de modo neutro, simétrico nem homogêneo. Ao contrário, constitui-se historicamente por meio de relações de poder, hierarquias simbólicas e regimes de legitimidade que condicionam não só quais tradições filosóficas circulam, mas também os modos pelos quais são recebidas, apropriadas, traduzidas e, em certos casos, silenciadas. É nesse horizonte crítico que se insere o presente dossiê da *Sképsis*, cuja gênese remonta aos dois dossiês anteriormente publicados pela Revista *Sententiae*, da Ucrânia (vols. 43, n. 2, 2024, e 44, n. 2 e 3, 2025), além de outros dois artigos inéditos. Longe de representar mera reprodução editorial, esse desdobramento responde ao amadurecimento das discussões ali desenvolvidas, que evidenciaram a densidade teórica, a diversidade metodológica e a potência crítica das contribuições reunidas, ao mesmo tempo em que indicaram a necessidade de aprofundar e rearticular problemáticas centrais relativas à recepção, à tradução e à produção situada das filosofias em contextos marcados por tensões históricas, culturais e epistemológicas.

O dossiê publicado na *Sententiae* (nos dois volumes de 2025) nasceu, por um lado, do gentil convite feito pelo Professor Oleg Khoma, da **Universidade Técnica Nacional de Vinnytsia**, da Ucrânia, para organizar um volume sobre a recepção

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-C (Processo 303781/2024-6 CNPq). Professor na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Membro do Laboratório e do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (LAFICS & DFICS). Coordenador do grupo de pesquisa *Studia Brasiliensis* (CNPq) e da Série *Scripta Brasiliiana*, da Editora Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), órgão vinculado ao Ministério das Relações Exteriores. <https://orcid.org/0000-0002-7571-0977> Contato: lucio.marques@uftm.edu.br

² Doutorando em Educação no PPG-E / UFTM (Brasil). Mestre em Políticas e Relações Internacionais pela Nova de Lisboa (Portugal). Licenciado em Filosofia (Angola), e em Teologia e Comunicação Social no Tangaza University, Nairobi-Quênia. Bolsista apoiado pela FAPEMIG. Membro do Grupo de Pesquisa *Filosofia & Scripta Brasiliiana* e Integrante do GT Pensamento Filosófico Brasileiro da ANPOF. <https://orcid.org/0000-0002-5008-5511> Contato institucional: d202220666@uftm.edu.br

das filosofias globais no Brasil, que, por sua vez, também autorizou a republicação dos artigos no Brasil, por convite do Professor Plínio Junqueira Smith (UNIFESP/CNPq). Por outro lado, o dossiê dialoga com uma espécie de *l'avant première* publicado no vol. 43, n. 2 de 2024. O artigo *Perspectivas da Filosofia Brasileira no último século*, de Lúcio Álvaro Marques, propôs quatro linhas interpretativas para enquadrar a filosofia produzida no Brasil nos últimos 100 anos: o ensaio filosófico, a historiografia do pensamento, o pensamento decolonial e o estudo das fontes inéditas do pensamento colonial e imperial. O dossiê publicado em 2025, de alguma forma, desenvolve essas perspectivas em maior ou menor grau. Não obstante, um fator determinante para a compreensão dessa colaboração entre o Brasil e a Ucrânia é, primeiramente, a preocupação que eles têm demonstrado com a identidade da filosofia nacional, a ponto de o descritor mais buscado na página da Revista *Sententiae* ser, exatamente, “filosofia ucraniana” e, em segundo lugar, a crescente atenção que se tem dado à filosofia brasileira entre nós e alhures. A propósito, desde 2012 até o presente, somam-se quase três dezenas de dossiês temáticos, além dos que ainda estão em edição, e de algumas dezenas de artigos sobre o tema que apareceram em vários periódicos desde então. Tanto lá quanto aqui, estamos em busca de uma identidade para as filosofias que chamamos de nossas.

No caso brasileiro, essa problemática assume contornos bastante complexos. A formação do campo filosófico no Brasil deu-se sob o signo da colonização cultural, inicialmente marcada pela herança lusitana e, posteriormente, pela incorporação seletiva de matrizes filosóficas europeias modernas e contemporâneas. Não poucas vezes, essas matrizes foram assumidas apenas como objeto de novidade ou moda filosófica, reduzindo a atividade filosófica ao comentário erudito, mas pouco afeito à realidade brasileira. Por muito tempo, a prática filosófica estruturou-se majoritariamente em torno do comentário, da exegese e da assimilação de sistemas consagrados, frequentemente admitidos como universais, enquanto os problemas históricos, sociais e culturais do próprio país permaneciam à margem da reflexão filosófica institucionalmente legitimada.

Por isso, compreender esse percurso só como imitação ou dependência intelectual revela-se insuficiente. A recepção filosófica no Brasil configura-se, antes, como um campo de tensão permanente entre assimilação e crítica, tradução e reinvenção. A passagem do comentário à produção filosófica situada não corresponde a uma ruptura com as tradições globais, mas com um deslocamento decisivo do ponto de partida do filosofar: a filosofia deixa de ter como centro exclusivo a compreensão interna dos clássicos e passa a assumir como tarefa o

enfrentamento dos dilemas concretos da sociedade em que se inscreve, em diálogo contínuo com a história da filosofia.

Por essas razões, as contribuições reunidas neste dossiê evidenciam como a recepção de filosofias globais no Brasil não se restringe ao espaço universitário moderno nem à filosofia acadêmica *stricto sensu*. Ela se manifesta historicamente por meio de manuscritos coloniais, práticas culturais, trajetórias intelectuais e formas “não canônicas” de transmissão do saber, revelando uma circulação longa, heterogênea e multifacetada de filosofias no espaço luso-brasileiro. Essa perspectiva histórica ampliada permite reconhecer continuidades, deslocamentos e reinvenções que desafiam a ideia de uma filosofia brasileira tardia ou meramente derivada da agenda global.

Nesse horizonte, os artigos deste número podem ser compreendidos a partir de distintos modos de recepção filosófica. Alguns exploram a reelaboração crítica de tradições consagradas, mostrando como o diálogo com a filosofia clássica constituiu, ao longo do tempo, um espaço de formação conceitual e de produção intelectual original. Outros assumem explicitamente a recepção como prática ativa e crítica, atravessada por agendas que recolocam, em novos termos, questões como justiça social, colonialidade, gênero, raça, ecologia, educação e os próprios critérios epistemológicos que definem o que é reconhecido como filosofia.

Destaca-se, nesse conjunto, a ampliação do campo filosófico por meio do diálogo com tradições que foram, em alguns momentos, marginalizadas. A presença das filosofias feministas, latino-americana da libertação e africana desafia as concepções restritivas de filosofia fundadas exclusivamente em matrizes eurocêntricas e em formas ditas canônicas de escrita. Ao problematizar categorias como oralidade, agrafia e ancestralidade, bem como ao evidenciar a centralidade de fontes manuscritas e de práticas intelectuais não hegemônicas, estes artigos contribuem para repensar os fundamentos epistemológicos da própria disciplina filosófica.

Tomados em conjunto, estes artigos permitem vislumbrar um movimento de transição: da recepção entendida como imitação à recepção concebida como assimilação crítica e produção situada. Esse movimento não implica o abandono do diálogo com as filosofias globais, mas sua inscrição em novos quadros de sentido, nos quais os problemas filosóficos emergem das condições concretas da vida social, política, cultural e histórica do Brasil, em articulação com outras experiências do sul global.

Este dossiê organiza-se em quatro subseções, além do artigo inicial que inspirou a reunião destes textos. Na primeira estão dois artigos sobre a filosofia colonial, sendo o primeiro inédito e contendo um levantamento relativamente

exaustivo das fontes inéditas e/ou raras até então catalogadas, e outro sobre Frei Gaspar da Madre de Deus. Na segunda seção constam três artigos sobre filósofas brasileiras – Nísia Floresta, Lélia González e Marilena Chauí – além de um artigo inédito sobre a invisibilidade feminina na década de 30. Na terceira seção foram reunidos quatro artigos, onde se destacam as obras de Fernando de Azevedo e Leonardo Boff, como intérpretes de lastros da cultura brasileira, e de Noeli Rossatto e José Crisóstomo de Souza, enquanto leitores destacados do franciscanismo e da pragmática poética, respectivamente. Na quarta seção, há um artigo sobre a filosofia africana em nosso tempo, porém uma filosofia pautada em documentos históricos e fontes inéditas da história pré-colonial dos reinos e povos de África.

Ao reunir essas reflexões, este número da Revista *Sképsis* propõe compreender a filosofia brasileira não como simples derivação periférica de centros hegemônicos de produção intelectual, mas como um espaço plural de elaboração teórica, atravessado por múltiplas temporalidades, heranças e experiências históricas. Daí, pensar a recepção de filosofias globais significa reconhecer que toda filosofia é, simultaneamente, situada e relacional: nasce de contextos específicos, mas se constrói no diálogo crítico com outras tradições. É nesse movimento – entre o local e o global, a herança e a invenção – que a filosofia encontra sua vitalidade, sua responsabilidade histórica e sua legitimação crítica no mundo contemporâneo.

Este dossiê insere-se, assim, no compromisso com a promoção de debates rigorosos, plurais e críticos sobre a produção filosófica em contextos históricos e culturais diversos. Ao problematizar os modos de circulação, recepção e reinvenção das filosofias globais no Brasil, os textos aqui reunidos reafirmam a filosofia como prática viva, situada e socialmente implicada, aberta ao diálogo e atenta às exigências do presente.